

MEDIAÇÃO, MEDIATIZAÇÃO: *SŒUR PHILOMÈNE* (1861), DOS IRMÃOS GONCOURT, NA IMPRENSA OITOCENTISTA

Zadig Mariano Figueira Gama (UFRJ)¹

Celina Maria Moreira de Mello (UFRJ)²

Resumo: Em pesquisa realizada no acervo de periódicos digitalizados da FBN e da BNF, foi possível reunir informações acerca da circulação e recepção de *Sœur Philomène* (1861), romance de Edmond (1822-1896) e Jules (1830-1870) de Goncourt. Com base nessas informações, propomo-nos apontar que valores estéticos e traços estilísticos foram destacados e/ou atribuídos pela imprensa a esse romance. Visamos também colocar em perspectiva a rede de relações que existiu entre as instâncias que viabilizaram sua circulação nos *campos literários* (BOURDIEU, 1992, 1994) de ambos os países, desde a sua primeira impressão, em 1861, até 1914, bem como das sucessivas *tomadas de posição* (MAINGUENEAU, 2004) de seus *mediadores* (ESPAGNE, 2012).

Palavras-chave: Irmãos Goncourt; *Sœur Philomène*; Imprensa brasileira; Imprensa francesa.

Por ser um objeto de análise aberto, dinâmico e heterogêneo, o *corpus* da pesquisa em fontes primárias talvez tenha como característica mais marcante a imprevisibilidade do que pode ser encontrado. Quem imaginaria, por exemplo, que o leitor do jornal carioca *O Paiz*, na edição do dia 11 de maio de 1895, pudesse ler a seguinte notícia:

Os amantes de flores que se preparem para obter uma novidade. Trata-se do Jacinto Edmundo de Goncourt. Um floricultor de Harlem querendo ligar o nome daquele festejado literato a uma flor, pediu-lhe autorização escrevendo uma atenciosa carta. Edmundo de Goncourt acedeu aos desejos do delicado floricultor e já deve ter recebido a primeira flor Jacinto Goncourt (*O Paiz*, 11/05/1895, p. 2).

Durante a pesquisa sobre a circulação e a recepção da obra dos irmãos Goncourt no Brasil, realizada em jornais e revistas digitalizados pela Fundação Biblioteca Nacional, pude encontrar, além dessa notícia curiosa, informações que dão conta da vasta produção desses autores e de sua circulação no país. Num recorte temporal que vai de 1850, ano anterior à publicação de seu primeiro romance, intitulado *En 18..*, até 1914, ano do encerramento efetivo do *longo século XIX*, localizei em anúncios de venda de livros grande parte das obras dos irmão Goncourt à venda de Norte a Sul do país.³

¹ Mestrando em Letras Neolatinas/Literaturas de Língua Francesa, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este artigo é parte do resultado de pesquisa com apoio do CNPq.

² Doutora em Ciência da Literatura, Titular de Língua e Literatura Francesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pesquisadora 1B do CNPq.

³ O conceito de longo século XIX compreende os anos entre 1789, marco inicial da Revolução Francesa, e 1914, com o início da I Guerra Mundial. Esse “período se justifica pelo fato de a Revolução francesa,



Ao compararmos as datas de sua aparição no Brasil com as de sua publicação na França, foi notória a rapidez com que alguns títulos chegaram aqui; *As amantes de Luís XV* (*Les Maîtresses de Louis XV*), por exemplo, publicado na França em abril de 1860, estava à venda no Brasil dois meses depois, na Livraria Imperial de F. L. Pinto e Comp. (RJ), como revela o anúncio do *Correio Mercantil* do dia 22 de julho de 1860. Outro fato que chamou a atenção durante a leitura dos dados foi o grande número de referências ao romance *Sœur Philomène* (1861) durante a década de 1890 – cerca de 82% dos anúncios de venda de livros desses autores são de sua tradução *Soror Philomena*. A pesquisa revelou, até o presente momento, que esse foi o único romance escrito pelos irmãos Goncourt a ter duas traduções para a língua portuguesa em circulação no Brasil: *Irmã Philomena*, tradução de Luis Gastão de Escragolle Dória, na seção folhetim do *Jornal do Commercio*, em 1891; e a já mencionada *Soror Philomena*, de Luiz Cardoso, no *Correio de Minas*, em 1897; esta última tendo sido publicada anteriormente em forma de livro, em 1895, na Coleção Econômica da Editora Laemmert, que tinha os “romances dos melhores autores”, como Émile Zola (1840-1902), Alphonse Daudet (1840-1897) e Guy de Maupassant (1850-1893), vendidos por 1000 réis (*Jornal do Recife*, 15/05/1897, p. 5).

A fim de identificar o motivo de tamanha repercussão de *Sœur Philomène* no Brasil quase trinta anos depois da sua primeira publicação, voltei-me para os modos de circulação desse romance também na França. Assim, por meio das referências a esse romance em jornais e revistas digitalizados pela Biblioteca Nacional daquele país, pude identificar três momentos de sua circulação e recepção. O primeiro deles seria o de sua publicação, em julho de 1861, pela editora de Charles Jaccottet e de Achille Bourdilliat, que declarou falência naquele mesmo ano. O segundo seria na década de 1870, quando esse romance ganhou duas novas edições, uma em 1875 pela editora de Alphonse Lemerre, conhecido por ter lançado inúmeros poetas parnasianos, e outra, em 1876, pela editora de Georges Charpentier, tido como principal editor dos romancistas naturalistas

iniciada em 1789, ter alterado profundamente a legislação relativa ao comércio de livros na França e ter dado origem a uma multiplicidade de jornais impressos [...]”. Em contrapartida, em 1914, teve fim a *pax britânica*, que mudou significativamente o âmbito das trocas comerciais e os fluxos financeiros (ABREU, 2011, p. 116, nota 2). O conceito de *longo século XIX* aqui adotado é utilizada pelo grupo de pesquisa de cooperação internacional “Circulação Transatlântica dos Impressos – A Globalização da Cultura no século XIX”, dirigido por Jean-Yves Mollier (Université de Versailles Saint-Quentin) e Marcia Abreu (Universidade de Campinas).

(MOLLIER, 2015). E o terceiro momento seria o de sua adaptação e montagem, em outubro de 1887, no teatro naturalista de André Antoine, fundador do Théâtre Libre.

Tendo em vista que a primeira publicação desse romance se deu em um momento em que, segundo a crítica atual, a obra que exerceu “influência mais direta” (CUNHA, 2017, p. 40-48) sobre o naturalismo, *A introdução ao estudo da medicina experimental* (*L’Introduction à l’étude de la médecine expérimentale*, 1865), de Claude Bernard, ainda não havia sido publicada, tentei, no XV Encontro Internacional da ABRALIC (2016) responder à questão sobre como se deu o processo de associação de *Sœur Philomène* com o naturalismo. A hipótese que guiou a pesquisa, naquele momento, foi a de que a incorporação desse romance ao catálogo da editora de Georges Charpentier e a sua montagem e representação no Théâtre Libre teriam sido as formas de mediação que determinaram a sua acolhida no Brasil como romance naturalista, efeito de recepção que perdura até hoje. No XV Congresso Internacional da ABRALIC (2017), tentei apresentar de forma mais aprofundada a recepção crítica de *Sœur Philomène*, tanto na França quanto no Brasil, a fim de fomentar o debate sobre uma pequena parte da história literária, a que concerne a esse romance.

Os contornos da recepção crítica de *Sœur Philomène* na França

A primeira crítica ao romance *Sœur Philomène* de que se tem notícia à época de sua primeira circulação foi publicada no jornal *La Presse*, na edição do dia 15 de julho de 1861, e é assinada pelo escritor, jornalista e amigo dos autores do romance Paul de Saint-Victor (1827-1881). Ao longo de duas páginas de crítica, Saint-Victor ofereceu ao leitor um resumo de todo o enredo do romance, emitindo suas impressões de leitura somente no último parágrafo, no qual compara *Sœur Philomène* à gravura de Rembrandt “que representa *Jesus curando os doentes*” (*La Presse*, 15/09/1861, p. 1).⁴

Se, por um lado, Saint-Victor não emite uma opinião aprofundada sobre esse romance, por outro lado, Claude Vignon, pseudônimo da escultora e mulher de letras Marie-Noémi Cadiot (1828/32-1888), destacou, na edição do dia 15 de setembro de 1861 do jornal *Le Temps*, a falta de intriga desse romance, no qual “o realismo triunfa” (*Le*

⁴ “Qui représente *Jésus guérissant les malades*”. Esta e as traduções subsequentes são de responsabilidade dos autores do texto.

Temps, 15/09/1861, p. 2).⁵ Vignon reconhece ainda nessa crítica, que as “descrições [...] substituem a ação, como convém em um romance que procede por quadros e não por narrativas” (*Le Temps*, 15/09/1861, p. 2).⁶ Indo mais além do que Saint-Victor na análise, Vignon afirma que “*Sœur Philomène* é o *sustenido* dessa melodia que canta a poesia do realismo”, isto é, um semitom acima no curso desse estilo de escrita, chamado também de “*tour de force* literário” [façanha literária] (*Le Temps*, 15/09/1861, p. 2).⁷

Haveria ainda mais uma crítica à primeira edição desse romance na imprensa francesa à época de sua primeira circulação, no jornal *Opinion Nationale*, como aponta a carta de Jules de Goncourt endereçada a Gustave Flaubert, em dezembro de 1861. Entretanto, esse jornal não se encontra digitalizado em nenhum acervo físico acessível (GONCOURT, J. de, 1885, p. 176). O que se pode depreender desse primeiro momento da crítica ao romance é que, apesar da pouca repercussão, traços da estética naturalista ainda não nomeada por Zola são percebidos *avant la lettre* por Claude Vignon, sobretudo no que diz respeito à atenuação da intriga em detrimento da descrição e a falta de articulação entre os capítulos.

A falência da editora de Jaccottet e Bourdilliat imediatamente após o lançamento de *Sœur Philomène*, em 1861, provavelmente foi a causa da fraca repercussão desse romance na imprensa francesa. Desde então, esse título foi apenas mencionado ocasionalmente em críticas a outros romances escritos pelos irmãos Goncourt. À época de seu relançamento pela Livraria Lemerre, em novembro de 1875, e pela Editora de Georges Charpentier, em janeiro do ano seguinte, a crítica faz uma nova leitura de *Sœur Philomène*, atribuindo a esse romance a qualidade de obra-prima, como pode ser constatado na crítica do jornalista e dramaturgo Philippe Gille (1831-1901), na edição do dia 21 de novembro de 1875 do jornal *Le Figaro* (21/11/1875, p. 6). A partir de então, a crítica passa a se referir a Edmond de Goncourt como chefe da escola do romance contemporâneo, colocando-o como sucessor de Gustave Flaubert, como pode ser visto no artigo “Os marechais da Literatura”, escrito pelo jornalista Élémir Bourges (1852-1925), na edição do jornal *Le Gaulois* do dia 5 de fevereiro de 1883, no qual o crítico pondera:

⁵ “Le réalisme triomphe”.

⁶ “Descriptions [...] suppléent à l'action comme il convient dans un roman qui procède par tableaux et non par récits”.

⁷ “*Sœur Philomène* est l'*ut dièze* [sic] de cette mélodie qui chante la poésie du réalisme”; “*tour de force* littéraire”.

“[...] o último a possuir o título [de marechal] era o grande Flaubert; e aquele de quem eu saúdo a recente entronização é Edmond de Goncourt” (*Le Gaulois*, 5/02/1883, p. 1).⁸

A década de 1880 foi, sem dúvida, um momento em que tanto as obras escritas por Edmond em parceria com seu irmão Jules, morto em 1870, quanto as escritas somente pelo Goncourt sobrevivente obtiveram grande circulação. Como apontam os anúncios e as notícias encontrados ao longo da pesquisa, durante a década de 1880, *Sœur Philomène* esteve à disposição tanto do público leitor “em todas as livrarias e em todas as estações de trem”, na França, quanto daqueles interessados em assistir à sua adaptação para o teatro, no palco do Théâtre Libre, de André Antoine (1858-1943) (*Le Figaro*, 24/06/1876, p. 4).

A adaptação para o teatro de *Sœur Philomène*, feita cerca de vinte e seis anos depois da primeira publicação desse romance, talvez tenha sido o elemento fundamental para a manutenção dessa obra no *campo literário* francês e sua introdução no *campo literário* brasileiro. Desde sua primeira representação, na estreia da segunda temporada do Théâtre Libre, em 1887, até as turnês internacionais da trupe de Antoine, no início do século XX, *Sœur Philomène* manteve-se no repertório do que a crítica da *Gazeta de Notícias* do dia 1º de dezembro de 1888 chamou de “peças de um alto valor literário” extraídas “da mais fina flor da literatura moderna”.⁹

***Sœur Philomène* em perspectiva transnacional**

O sucesso da adaptação de *Sœur Philomène* para o teatro nos fez, então, levantar a hipótese de que esse tenha sido um dos fatores que motivou Escragnolle Doria a verter essa obra pela primeira vez para a língua portuguesa e publicá-la em 1891 na seção folhetim do *Jornal do Commercio*, com o título de *A Irmã Philomena* (*Jornal do Commercio*, n. 257, 16/09/1891, p. 1). A tradução desse romance, que fora devidamente autorizada pelo autor sobrevivente através de correspondência direta entre autor e

⁸ “Les maréchaux de la Littérature”; “[...] le dernier en titre [de maréchal] était le grand Flaubert; et celui duquel je salue ici la récente intronisation, est M. Edmond de Goncourt”.

⁹ As peças representadas na temporada de estreia do Théâtre-Libre, no dia 30 de março de 1887, foram *Mlle Pomme*, comédia de Louis Edmond Duranty e Paul Alexis; *Un préfet*, drama de Arthur Byl, *La cocarde*, comédia de Jules Vidal; e *Jacques d'Amour*, drama adaptado por Léon Hennique do romance homônimo escrito por Émile Zola – todas essas em um ato; e, no dia 30 de maio de 1887, *Une Nuit de Bergamasque*, tragicomédia em três atos de Emile Bergerat e *En Famille*, comédia em um ato de Oscar Metenier.



tradutor, apareceu seriada nesse jornal entre os dias 16 de setembro de 1891 e o dia 18 do mesmo ano.

Uma nova tradução desse título – *Soror Philomena* – veio à luz em 1895, feita por Luiz Cardoso, na Coleção Econômica da Editora Laemmert, ao lado de outros escritores naturalistas franceses, como, por exemplo, Alphonse Daudet, Émile Zola e Guy de Maupassant. A tradução de Cardoso veio a público novamente em 1897, desta vez na seção de folhetim do jornal *Correio de Minas*, entre os dias 10 de março de 1897 e 3 de julho daquele mesmo ano, pouco mais de seis meses depois da morte de Edmond, no dia 16 de julho de 1896. O anúncio introdutório da publicação seriada desse romance testemunha o apreço do jornal pela literatura dos irmãos Goncourt e o preterimento da publicação do romance *Rosa* (1849), de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), iniciada oito dias após o fim de *Soror Philomena*:

Resolvemos, antes de publicar um dos melhores romances de Macedo, oferecer aos nossos leitores um dos mais belos romances dos notáveis Goncourt, romance que pela forma literária, suavidade e beleza de estilo e pelo bem-acabado das situações, garante o êxito da escolha que fizemos oferecendo aos nossos leitores uma primorosa produção da literatura francesa, considerada a joia literária dos Goncourt [...] (*Correio de Minas*, 10/03/1897, p. 1).

Ao contrário das notas meramente informativas, nas quais são noticiadas o falecimento de alguém, os obituários traçam um perfil biográfico daqueles que, segundo o historiador francês Antoine Lilti “conheceram enquanto vivos, uma suficientemente grande reputação, em seu domínio, para serem considerados no momento de suas mortes como figuras maiores da vida intelectual e cultural” (LILTI, 2005, p. 105). A morte de Edmond de Goncourt, veiculada na imprensa brasileira como “a triste notícia do passamento de [...] um dos nomes mais festejados da literatura francesa” (*Gazeta da Tarde*, 17/07/1896, p. 1), teve *Sœur Philomène* na lista dos principais romances desse autor, permitindo-nos afirmar que esse romance foi uma de suas principais obras em circulação no país. Nessa ocasião, o jornal cearense *O Pão da Padaria Espiritual*, por exemplo, refere-se a Edmond como “o delicadíssimo estilista de *Soror Philomena*” (15/08/1896, p. 8). Em outros obituários, como os dos jornais *Liberdade* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ) ou *O Pão da Padaria Espiritual* (CE), esse romance aparece na lista das principais obras escritas por Edmond com a colaboração de seu irmão Jules.

As críticas a *Sœur Philomène* na imprensa francesa e brasileira aparecem com menos constância nas duas primeiras décadas do século XX, entretanto o romance se manteve à venda e a sua adaptação para o teatro continuou a ser montada. Na França, na edição do *Journal des Débats* do dia 9 de junho 1903, corria a notícia de que Antoine estava prestes a deixar sua terra natal para sair em turnê pela “América do Sul, começando pelo Rio de Janeiro. Entre outras peças, o sr. Antoine representar[ia] *La Fille Elisa*, [...], *Jacques Damour*, *Sœur Philomène* [...]”.¹⁰ Apesar de não ter encontrado registros de que *Sœur Philomène* foi representada no Brasil, a edição do jornal carioca *A Notícia* referente aos dias 15 e 16 de outubro do ano anterior traz a público “que o sr. Visconde de S. Luís de Braga, empresário do Teatro D. Amélia, escriturou o Sr. Antoine e a sua companhia para uma *tournée* pela América do Sul” e indica o mesmo repertório arrolado no jornal francês (15-16/10/1902, p. 3).

Quanto à continuidade da vendagem do romance, foi possível identificar novas edições e novas tiragens também no início do século XX. Na edição do jornal pernambucano *A Província*, do dia 7 de novembro de 1903, é possível notar que um volume desse romance custava o mesmo que um par de meias para homens – 600 réis – se compararmos com o anúncio do armarinho *A Jovem*, da página 4 da mesma edição do jornal. Dentre as edições francesas publicadas a partir de 1900, destaca-se uma edição mais luxuosa, ilustrada pelo pintor Antony Troncet (1879-1939), publicada em 1914 na coleção *Moderne Bibliothèque* da editora Arthème Fayard & Cie.

Conclusão

Nessa tentativa de recuperar os modos de circulação de *Sœur Philomène* num eixo transnacional, pudemos ver essa obra ocupando ora uma posição marginal e de pouco prestígio nos *campos literários* francês e brasileiro, ora em uma posição de notoriedade. A partir dos dados obtidos nas fontes primárias, foi possível inferir que foi no final da década de 1880 e durante toda a década de 1890 que esse romance atingiu o ponto máximo de sua circulação, tendo sido acolhido por leitores de coleções populares que agrupam

¹⁰ *Journal des Débats*, Paris, ano 115, n. 160, 9/06/1903, p. 3: “l’Amérique du Sud en commençant par Rio-de-Janeiro [...]. Entre autres pièces, M. Antoine jouera : *La Fille Elisa*, [...], *Jacques Damour*, *Sœur Philomène* [...]”.

romances naturalistas; por espectadores que tiveram contato com essa obra no teatro sem necessariamente tê-la lido anteriormente; e até mesmo por bibliófilos interessados em coleções de luxo, como é o caso da Collection Guillaume que publicou uma edição desse romance em 1888 ornada por florões de ouro (*Le Figaro*, 22/10/1888, p. 1-2).

Referências

A Notícia, Rio de Janeiro, ano 9, n. 244, 15-16/10/1902, p. 3.

A Província, Pernambuco, ano 26, n. 252, 7/11/1903, p. 2.

ABREU, Márcia Azevedo de. A circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX. *Livro*, Revista do NELE, São Paulo, n. 1, p. 115-130, maio 2011.

BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art; genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992.

_____. *Raisons pratiques; sur la théorie de l'action*. Paris: Seuil, 1994.

Correio de Minas, Juiz de Fora, ano 4, n. 56, 10/03/1897, p. 1.

Correio Mercantil, Rio de Janeiro, ano 17, n. 202, 22/07/1860, p. 3.

CUNHA, Newton. Os fundamentos filosóficos e científicos do naturalismo. In: GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto (Org.). *O Naturalismo*. São Paulo: Perspectiva, 2017, p. 40-48.

ESPAGNE, Michel. Transferências culturais e história do livro. Trad. Valéria Guimarães. *Livro*, v. 2, p. 21-34, 2012.

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, ano 17, n. 197, 17/07/1896, p. 1.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, ano 14, n. 335, 1/12/1888, p. 2.

GONCOURT, Jules de. *Lettres de Jules de Goncourt*. Préface de Henry Céard. Paris : Charpentier: 1885

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano 6, n. 236, 23/08/1896, p. 1.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, ano 69, n. 257, 16/09/1891, p. 1.

Jornal do Recife, Recife ano 40, n. 110, 15/05/1897, p. 5.



Journal des Débats, Paris, ano 115, n. 160, 9/06/1903, p. 3

La Presse, Paris, ano 26, n. 143, 15/09/1861, p. 1.

Le Figaro, Paris, ano 22, n. 324, 21/11/1875, p. 6; ano 23, n. 176, 24/06/1876, p. 4; ano 34, n. 296, 22/10/1888, p. 1-2.

Le Gaulois, Paris, ano 19, n° 938, 5/02/1883, p. 1

Le Temps, Paris, ano 1, n. 143, 15/09/1861, p. 2.

Liberdade, Rio de Janeiro, ano 1, n. 76, 18/07/1896, p. 2

MAINGUENEAU, Dominique. *Le discours littéraire; Paratopie et scène d'énonciation*. Paris: Armand Colin Éditeur, 2004.

MOLLIER, Jean-Yves. *Une autre histoire de l'édition française*. Paris: La Fabrique, 2015.

O Paiz, Rio de Janeiro, ano 11, n. 3874, 11/05/1895, p. 2.

O Pão da Padaria Espiritual, Fortaleza, ano 3, n. 31, 15/08/1896, p. 8; n. 32, 31/08/1896, p. 2-3